

# ENERGIA do século XXI

por Maria Fernanda Romero

Infoglobo promove seminário sobre expansão dos biocombustíveis no mercado mundial.

No dia 1º de dezembro foi realizado, no Rio de Janeiro, o seminário 'Biocombustíveis: energia do século XXI'. Promovido pela Infoglobo o evento reuniu importantes investidores do setor para discutir a expansão do mercado nacional e internacional de biocombustíveis, questões sociais e ambientais, além do debate sobre biocombustíveis e a oferta e o preço dos alimentos.

Participaram da abertura do seminário autoridades como o secretário de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, José Lima, representando o ministro Edson Lobão, e o secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, **Manoel Vicente Fernandes Bertone**.

Fizeram parte da primeira mesa de debates o presidente da Petrobras Biocombustível, Alan Kardec Pinto, o diretor da Infoglobo, Agostinho Vieira, e o jornalista George Vidor, que foi apresentador e mediador do evento.

O diretor do Infoglobo, Agostinho Vieira, abriu o seminário falando sobre o impacto da atual crise financeira global sobre a questão das energias renováveis. Vieira afirmou que o risco que se corre quando se trabalha em redação é achar que todas as crises são iguais, entretanto essa crise parece que não é igual às outras.

"A única certeza que temos em relação a essa crise é que, assim como as outras, ela vai passar. Também temos certeza de que quando a crise passar, os investimentos em biocombustíveis levarão o Brasil para outro patamar", acrescentou.

Foram convidados ao debate o secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços, Júlio Bueno, o diretor da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis





Foto: Banco de Imagens Stock.xcng

(ANP), **Victor Martins**, e o diretor de Abastecimento da Petrobras, **Paulo Roberto Costa**. O evento teve ainda a presença internacional do secretário do Grupo Intergovernamental sobre grãos da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), Abdolreza Abbassian.



Na abertura do encontro, o diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, afirmou que a estatal comercializou 605 mil m<sup>3</sup> de etanol (o equivalente a 605 milhões de litros) em 2008 com os mercados dos Estados Unidos, Europa e Ásia e isso representou um aumento de 404% em relação ao volume negociado em 2007.

Do volume total de etanol comercializado pela Petrobras em 2008, 117 mil m<sup>3</sup> foram destinados à Ásia. Segundo o diretor de Abastecimento da empresa, as

exportações brasileiras do biocombustível devem continuar crescendo em 2009, com a diversificação dos mercados.

"A Petrobras venceu recentemente a primeira licitação para fornecimento de etanol à Costa Rica, de uma carga para entrega em janeiro de 2009", citou Paulo Roberto Costa, como exemplo dos novos mercados do biocombustível.

O executivo também lembrou que 2008 foi um ano importante para a produção de biodiesel no Brasil e indicou que a Petrobras pretende continuar investindo no aumento da produção de petróleo, inclusive no pré-sal, apesar da atual crise financeira mundial com perspectiva de recessão. O diretor garantiu ainda que não haverá atrasos no cronograma de obras do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), que está sendo construído em Itaboraí.

Costa afirma que, acumulado de janeiro a novembro, o consumo de combustíveis no país cresceu 3,2% em relação ao registrado em igual período de 2007, ficando no patamar de cerca de 1,8 milhão de barris por dia em mé-



Foto: Rogério Reis, Petrobras

dia. De acordo com ele, por mais que as previsões de especialistas indiquem uma redução do consumo de energia em 2009, isso não significa que se deve reduzir investimentos. Não houve nenhum impacto da crise econômica mundial para puxar esse consumo para baixo no mês passado. "O que tivemos foi uma retração do consumo de diesel, que acontece tradicionalmente nesta época com o final da safra", afirmou.

Além disso, o diretor não quis antecipar quais alterações podem ocorrer no Plano de Negócios da Petrobras, que será apresentado até o dia 20 de dezembro, devido às dificuldades de financiamento provocadas pela crise internacional. O Conselho de Administração da empresa se reunirá no dia 19 para aprovar o documento.



Também presente no evento, o presidente da Petrobras Biocombustível, **Alan Kardec Pinto**, participou da abertura do seminário e também ministrou uma palestra no encontro. E afirmou que a produção brasileira de etanol deverá triplicar até 2020; a expectativa é de que a produção passe dos atuais 25 bilhões de litros por ano para cerca de 70 bilhões de litros por ano em 2020.

Sobre sua posição com relação ao novo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, Kardec afirmou que espera uma matriz energética sustentável do maior consumidor de energia do planeta, com a participação crescente dos biocombustíveis e que tem expectativa de que o novo presidente promova a redução das taxas sobre as importações americanas do etanol brasileiro.

Kardec opina que o Brasil deve começar a utilizar a tecnologia do etanol de celulose em escala comercial até 2015 para não ficar atrás dos Estados Unidos e do Canadá, que também estão investindo nestas pesquisas. "Temos de, pelo menos, conseguir chegar a essa produção junto com Estados Unidos e Canadá. Temos de pelo menos empatar esse jogo ou ganhar. Não vamos perder", afirmou, lembrando ainda que essa nova tecnologia poderá triplicar a produtividade do etanol por hectare plantado.

Para tratar do papel das energias renováveis na matriz energética no Brasil e no mundo, José Lima, secretário de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, realizou palestra na qual afirmou que o grande desafio do país na área de energia é crescer mantendo a melhoria da matriz energética. Apesar de ter a participação de energia renovável na matriz energética bem

superior à média dos demais países, o Brasil deve continuar o investimento em fontes de energia renovável. "Não podemos nos contentar em sermos melhores do que os outros" revelou.

Os biocombustíveis, a oferta e o preço dos alimentos foram os assuntos abordados na apresentação do secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Manoel Vicente Bertone. Ele afirmou que o Brasil é o único país do mundo que apresenta clara viabilidade econômica na produção sustentável de biocombustíveis e que não ameaça nem áreas de preservação ambiental e nem afeta as regiões produtoras de alimentos. "O desafio brasileiro é produzir energia e agricultura em um ambiente sustentável, ao mesmo tempo que negociamos a derrubada de barreiras de exportação de nossos produtos", disse.

Bertone lembrou que as regiões produtoras de etanol hoje se localizam a distâncias de 2.000 a

## Homologação de biocombustível de aviação deve sair em cinco anos

A HOMOLOGAÇÃO DO BIOCOMBUSTÍVEL para aviação deve sair em cerca de cinco anos. A estimativa é do pesquisador e presidente da Tecnobio, Expedito Parente, que também participou do seminário. O inventor dos processos de elaboração do biodiesel e do bioquerosene de aviação no Brasil contou que o biocombustível foi criado na década de 1970 e que o primeiro voo com o biocombustível ocorreu em 1984, com uma aeronave da Embraer, de São José dos Campos até Brasília. "Para a utilização comercial do biocombustível ainda é necessário essa homologação e as normatizações técnicas", afirmou.



Foto: Banco de Imagens Stock.xcng

Para ele, a homologação é feita entre todos os agentes do setor aéreo, como fabricantes de turbinas, montadoras de aviões e agências reguladoras, e que é normal a demora na homologação, porque o combustível, além de ter um dos custos operacionais mais pesados

das companhias aéreas comerciais, tem que ser muito testado para a utilização na aviação.

Durante o encerramento do seminário, Parente disse ainda que deveriam ser incluídos nos cálculos de custos dos investimentos em biocombustíveis os benefícios sociais e ambientais dos mesmos. Este é o momento da mudança da era do petróleo para a era da energia solar, das pesquisas de cultivos e fontes alternativas de energia e antes de pensarmos no custo da pesquisa tecnológica (para os biocombustíveis), temos que pensar no custo de não produzirmos combustíveis alternativos, exultou.

2.500 km da Amazônia e não há qualquer risco de desmatamento da cobertura verde para cultivo de cana-de-açúcar. Ele informa que não há qualquer movimento incentivado pelo governo federal para a construção de usinas de etanol em áreas de expansão da produção de alimentos.

Após as palestras da manhã, houve uma sessão de debates. As discussões contaram com a participação do diretor de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), **Roberto Giannetti da Fonseca** e o diretor comercial da Cosan, Carlos Murillo Mello.

No primeiro painel de debates foi consenso a competitividade do etanol brasileiro e também a falta de vontade política de alguns países para a utilização do produto. De acordo com Giannetti, atualmente qualquer país do mundo poderia produzir ou importar os carros *flex fuel* (que usam etanol ou gasolina como combustível) e importar o etanol brasileiro a preços competitivos.

O representante da Fiesp contou que quando esteve no Chile com o presidente da estatal petrolífera local notou que havia um total desconhecimento sobre a possibilidade de utilizar carros bicompostíveis naquele país. Somente após a conversa o Chile já iniciou estudos sobre o assunto, e pensa em começar a utilizar veículos *flex fuel* a partir de 2010, assegurou ele.

Murillo Mello, que também participou do painel, disse que não há dúvidas sobre a maior competitividade do álcool brasileiro em relação ao etanol produzido nos Estados Unidos a partir do milho.



O executivo da Cosan disse que, com a crise econômica internacional, um grande produtor americano de etanol já pediu concordata.

Quanto à questão do aumento dos preços dos alimentos que assustou o mundo neste ano, Abdolreza Abbassian, que apresentou palestra no seminário, avaliou que esse aumento foi causado por diversos problemas em países que são grandes exportadores de *commodities* agrícolas. "A era da comida barata foi desafiada principalmente por problemas nos países exportadores. Eu trabalho nisso há muito tempo e nunca vi tantos problemas em países exportadores ao mesmo tempo, como ocorreu agora", disse.

O especialista da FAO descartou que o crescimento da produção de etanol de cana-de-açúcar no Brasil esteja relacionado ao aumento dos preços dos alimentos, mas não descartou a influência do álcool feito de milho nos Estados Unidos nas cotações de *commodities* agrícolas.

Abbasian aponta que outro problema que contribuiu para a alta do preço dos alimentos foi a seca nas regiões produtoras de cereais na Europa. A União Europeia teve de importar volumes recordes de milho do Brasil para fazer ração animal, o que também pressionou os preços.

Ainda abordando as questões sociais e ambientais que envol-

vem os biocombustíveis, a secretária executiva do Ministério de Meio Ambiente, Izabella Teixeira, fez uma palestra no encontro, quando indicou que a área ambiental tem de trabalhar junto com a agenda de desenvolvimento econômico. A ordem é incentivar a instalação de usinas de álcool ao longo do alcoolduto que a Petrobras está construindo em São Paulo. De acordo com a secretária, o licenciamento para esses projetos não pode ignorar o do sistema de escoamento do produto.

Izabella explicou que as licenças serão concedidas, mas com exigências para que as empresas paguem a compensação ambiental pelos empreendimentos. Ainda na área de biocombustíveis, a secretária informou que o Ministério está empenhado também em eliminar as queimadas nas plantações de cana-de-açúcar. A eliminação deve ser gradual e passa pela mecanização das lavouras de cana.

Também presente no evento, a secretária estadual de Meio Ambiente, Marilene Ramos, participou desse último painel de debates e afirmou que as usinas precisam de tempo para adequar as plantações e investir na mecanização da lavoura para que as queimadas possam ser eliminadas. O tempo de 12 anos equivale ao período exigido pelo governo de São Paulo. ■